

De calças, não!

Dr. Yeochua Avritchir



Membro titular do CBR e cronista

Quando virgindade era tabu, sexo era assunto para os mais velhos e “bunda” palavrão.

Sáímos, certa vez, um grupo de jovens de Belo Horizonte, para uma colônia de férias em São Paulo, numa antiga fazenda de café, nas imediações de Sorocaba. Lugar maravilhoso. Deslumbrantes nascer e pôr-do-sol. Noites frescas, a lua perdida no meio de milhões de estrelas. Um perfume indefinido de flores misturado ao cheiro que vinha dos currais. Local paradisíaco.

Logo no embarque, tive minha atenção despertada por um “broto” sentada à minha frente. Olhos nos olhos, iniciou-se a “paquera”. Cabelos cor de cobre, sardenta, falante, baixinha, corpo bem formado, senti que algo de grave acontecera no meu interior – gostei da menina.

Num arroubo de coragem, pulei para o banco, ocupando o lugar vazio ao seu lado. Zigueza-gueando pela estrada, observáva-

mos pela janela envidraçada a paisagem que se modificava minuto a minuto. Desenvolveu-se uma conversa entre nós: política, leitura, amor à poesia, generalidades que mostravam seu nível intelectual. Com o correr das horas, criou-se um clima de aproximação. Viagem longa, baldeação, interrupções imprevistas, atraso certo.

De forma imperceptível, pousei minha mão em seu joelho. Levei um chega pra lá tão convincente, tão determinante, que o espaço entre nós delimitou-se para o resto da viagem. Esgotados os assuntos de conversa, embalado pelo balanço do trem, adormeci e sonhei.

Veio-me à mente a imagem do mercado oriental com camelheiros avaliando a perfeição física e a



beleza das dentaduras dos bichos. Via-me à procura de uma escrava, de cabelos cor de cobre e olhos lânguidos. Sonho excitante, de fácil explicação.

Chegamos ao final da viagem: São Paulo.

A paquera se transformou em namoro. As intimidades eram conquistadas palmo a palmo. O namoro continuava e a austeridade também. Blusinha de gola tão alta, de forma que os avanços eram milimétricos.

Carnaval, resolvemos sair para o desfile das escolas de samba.

Qual não foi a minha surpresa quando ela me aparece de calça comprida! Eram os anos quarenta. Homem que era homem andava de calça comprida, boca de sino, mas de calça de braguilha com botões, de preferência, já que o fecho *éclair* ou zíper era praticamente desconhecido.

Mulher andava de saia, com combinação ou anágua, comprida ou mais curta, tendo os joelhos como ponto de referência. Podia ser plissada, pregueada ou em godê, fosse do jeito que fosse, mas saia.

Do susto para a conversa, da conversa para a discussão, e da discussão para a briga. Eu estava mortalmente envergonhado: minha namorada de calça comprida? Jamais! Assim, comigo você não sai.

Não saímos.

Ruiu o castelo, perdi a rainha, os sonhos se desfizeram. Ficou a decepção de não ter chegado sequer ao joelho.